

# Economia com forte abrandamento

**Indicadores disponíveis sinalizam que a economia portuguesa pode sofrer um forte abrandamento no segundo trimestre**

Depois do forte arranque nos primeiros três meses deste ano, a economia portuguesa deverá abrandar de forma substancial no segundo trimestre. É nesse sentido que apontam todos os indicadores disponíveis, salientam os economistas ouvidos pelo Expresso. Sem esquecer a 'fraqueza' da economia europeia a ensombrar o horizonte.

A informação disponível ainda é muito parca. Mas, "os números apontam todos para que o crescimento económico no segundo trimestre possa sofrer um abrandamento substancial face aos dados surpreendentes do primeiro trimestre", salienta Pedro Brinca, professor da Nova SBE. "A perceção é de desaceleração no segundo trimestre", diz, por sua vez, Tiago Correia, economista do BPI. E chama a atenção para o indicador diário de atividade económica, calculado pelo Banco de Portugal, que "apresentou, nos dois primeiros meses do segundo trimestre, um

crescimento homólogo médio de 2,3%, depois de no primeiro trimestre ter crescido 5%".

"Os sinais de desaceleração são também evidentes na faturação do setor industrial, que, em abril, contraiu 4,3% em termos homólogos", salienta Tiago Correia. Ainda em abril, a produção abrandou no setor da construção, bem como o volume de negócios nos serviços, e as exportações de bens sofreram uma contração nominal.

Já o turismo, "deverá continuar a dar suporte positivo ao crescimento no que resta do ano: os indicadores relativos a voos sinalizam a continuação do bom momento e este deverá ser mesmo um ano em que os níveis pré-pandemia serão superados e com recordes históricos nas principais métricas: proveitos, turistas e dormidas", vinca Tiago Correia. É nesse sentido que apontam os dados de abril do alojamento turístico: ficaram acima de 2019.

**Recessão na zona euro ensombra horizonte**

Mas há uma nuvem a ensombrar a frente externa: a zona euro entrou em recessão técnica

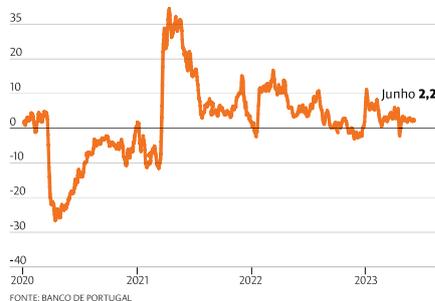
(dois trimestres consecutivos de contração em cadeia) no início de 2023, muito penalizada pelo desempenho negativo do PIB na Alemanha, e pela forte queda na Irlanda (onde domina a volatilidade). Ora, o cenário para o segundo trimestre "não será muito diferente", considera Pedro Brinca. "A subida das taxas de juro não alimenta cenários muito positivos de crescimento quer para este trimestre quer para o próximo e, apesar de a inflação estar finalmente a abrandar, o consumo e investimento privado continuarão anémicos", alerta.

Para João Borges de Assunção, professor da Católica-Lisbon, "uma nova contração em cadeia da zona euro no segundo trimestre parece o cenário mais claro", apontando como caso mais preocupante a Alemanha, onde "a economia não parece ainda ter recuperado dos níveis pré-covid". Ora, os germânicos são o terceiro mercado das exportações portuguesas de bens, com o conjunto da UE a valer 70% do total. O cenário que o economista traça para a economia portuguesa nos próximos trimestres é, assim, de "crescimento frágil, inferior à média histórica. Não sendo de descartar a possibilidade de uma ligeira correção em baixa para compensar o forte crescimento do primeiro trimestre do ano".

Já o BPI espera um ligeiro crescimento em cadeia da zona euro no segundo trimestre (0,3%), e, como resultado, que o setor exportador continue a contribuir positivamente para o crescimento português no segundo trimestre. A expansão das exportações para países fora da UE, nomeadamente Estados Unidos, Reino Unido e Angola, ajuda. Contudo, "o arrefecimento deverá vir da frente interna com o agravamento da situação financeira das famílias decorrente da continuação da política de aperto monetário do BCE, com reflexo no consumo (com grande peso no PIB), e que poderá ter também reflexo no investimento das empresas, embora a aceleração da execução do PRR possa compensar este efeito", argumenta Tiago Correia. Tudo somado, o BPI antecipa que o PIB português avance 0,2% em cadeia no segundo trimestre — bem abaixo dos 1,6% do primeiro trimestre, mas mantendo a economia portuguesa no verde. S.M.L.

## ATIVIDADE ECONÓMICA EM PORTUGAL ABRANDA NO SEGUNDO TRIMESTRE

Variação homóloga do indicador diário de atividade económica (média móvel semanal), em percentagem



## TURISMO ESTÁ ACIMA DO ANO RECORDE DE 2019

Taxas de variação no setor do alojamento turístico em abril de 2023 face ao mesmo mês de 2022 e de 2019, em percentagem



Fonte: INE



## Portugal lidera nas intenções de contratação

**Projeção para a criação líquida de emprego sobe para 27% no terceiro trimestre. É o maior aumento entre os países da região EMEA**

É uma subida de onze pontos percentuais face às previsões apontadas para o período entre abril e junho deste ano. Os dados do último ManpowerGroup Employment Outlook Survey, o inquérito global da consultora Manpower às intenções de contratação das empresas, divulga de esta semana, apontam para uma projeção para a criação líquida de emprego em Portugal de +27%. O número coloca o país sete pontos percentuais acima da média da região da Europa, Médio Oriente e África (EMEA), posicionando-o como o que mais cresce nas intenções de contratação, comparativamente ao trimestre anterior. O problema é que Portugal é também o quarto país do mundo com maior escassez de talento.

O ano arrancou sob a ameaça de uma estagnação económica e forte apreensão e incerteza entre os empresários. Mas os números que vão sendo conhecidos parecem mostrar a resiliência do tecido económico nacional. Segundo o relatório do ManpowerGroup, 41% dos empregadores no país preveem reforçar as suas equipas no terceiro trimestre do ano, 43% querem manter o número atual de trabalhadores e 14% admitem uma redução de efetivos. Contas feitas, a projeção para a criação líquida de emprego no país — calculada como resultado da diferença entre a percentagem de empregadores que planeiam aumentar a sua força de trabalho e a que, pelo contrário, planeiam reduzir — é positiva, +27%.

A dinâmica que se antecipa para as contratações nacionais no próximo trimestre é sobretudo

alavancada pelas intenções de contratação das empresas do setor tecnológico, com uma projeção para a criação líquida de emprego de +44%. Estes dados, ainda que otimistas, traduzem-se numa preocupação acrescida para as empresas em Portugal. É que se por um lado revelam a forte dinâmica destes setores no país, em particular o setor tecnológico, por outro, nota Rui Teixeira, diretor-geral do ManpowerGroup Portugal "representam um enorme desafio para as empresas, o da atração de profissionais, tendo em conta que a escassez de talento permanece em níveis historicamente altos, 84%". Percentagem que, alerta, "coloca o país na quarta posição do ranking mundial de país como maior escassez de talento".

O líder do ManpowerGroup defende que "há mudanças

urgentes que têm de ser feitas", a começar pelo "enorme desencontro de competências entre o que as empresas precisam e os profissionais disponíveis no mercado". O mundo do trabalho, diz, "mudou e está a mudar a uma velocidade de muito maior do que estamos a conseguir avançar na qualificação e requalificação dos nossos profissionais". E nota: "há novas funções que há três, quatro anos não existiam e para as quais estamos a demorar tempo demais a criar oferta formativa especializada que permita qualificar futuros profissionais". Mais, vinca, "quando finalmente tivermos essa capacidade, a estrutura da formação que propomos já estará obsoleta face às necessidades do mercado".

CÁTIA MATEUS  
cmateus@expresso.imprensa.pt

### NÚMEROS

**+27%**

é a projeção para a criação líquida de emprego apurada entre as empresas portuguesas para o terceiro trimestre deste ano

**84%**

é a percentagem de empresas em Portugal que reportam escassez de talento